

Maria João Dinis da Fonseca

Médica Veterinária
Artigo gentilmente cedido
pelo Hospital do Gato
Fotos: Shutterstock



As vacinas dos gatos

O novo paradigma

O meu gato não vai à rua, precisa ser vacinado? O meu gato já tem 12 anos mesmo assim precisa de ser vacinado? O meu gato tem “SIDA” felina pode ser vacinado? As vacinas provocam tumores?



Estas são algumas das muitas dúvidas que os donos dos gatos nos colocam diariamente. Existem *guidelines* (linhas de orientação), estabelecidas por comissões científicas idóneas, muito concretas acerca da importância das vacinas e qual deve ser a sua frequência. O seu médico veterinário após realizar uma história clínica completa vai determinar qual o risco epidemiológico que o seu gato apresenta e escolher a vacina adequada na frequência recomendada.

As vacinas são uma ferramenta profilática preciosa, contribuem para o bem-estar felino, pois previnem da, melhor forma, muitas das doenças infecciosas que frequentemente afetam os gatos e que podem ser fatais.

Que vacinas existem?

A vacina “Tripla” é a vacina mais vulgarmente administrada e tem esta denominação por prevenir três doenças: herpes vírus, calicivirus e panleucopenia felina.

Herpes vírus e calicivirus

A doença respiratória aguda, vulgarmente conhecida como coriza ou gripe felina, é um problema extremamente comum em gatos. Muitos agentes infecciosos estão envolvidos, mas os mais frequentes são o herpes vírus e o calicivirus.

A imagem infelizmente tão conhecida dos gatinhos de rua com os olhos cheios de ramelas e o nariz com corrimento purulento corresponde, normalmente, a uma infecção mista de herpes e calicivirus complicada com outros agentes

rus, que são precisamente os agentes infecciosos para os quais existe vacina.

A doença caracteriza-se, como o nome indica, por um quadro de gripe com corrimento nasal, febre, mau estar e muitas vezes também compromisso ocular. Por vezes, existe também envolvimento da mucosa da boca, este facto piora o prognóstico pelo mau estar que causa e pela dificuldade em comer que provoca.

Ambos são vírus com uma resistência moderada no meio ambiente. O contacto direto com outros gatos é a via de contágio mais frequente, mas este também é possível através, por exemplo, de troca de objetos entre gatos ou das nossas mãos.

Não existe tratamento específico para estas infeções virais, mas existe um vasto número de opções que vão ajudar muito o gato a combater a doença. É importante, garantir um bom suporte nutricional, manter a hidratação das vias aéreas, combater infeções secundárias (por isso se prescreve muitas vezes um antibiótico) e estimular o sistema imunitário.

Embora já existam tratamentos antivirais, alguns deles promissores, ainda não existe um tratamento específico com resultados consistentes para este tipo de doença. Muitas vezes



estes gatos ficam com sequelas respiratórias para toda a vida, sobretudo se a intervenção médica for tardia.

As infeções oculares não tratadas, ou tratadas tardiamente, são a principal causa de se ter que remover o globo ocular aos gatos. Esta cirurgia continua a ser muito frequente sobretudo em gatos adotados da rua já com infeções irreversíveis que impedem a recuperação da visão. O melhor é mesmo prevenir.

Panleucopenia

A outra valência da vacina tripla é contra o agente da panleucopenia felina. A doença manifesta-se com febre associada a gastroenterite (vómitos e diarreia) grave. É frequentemente mortal.

Este vírus tem também tropismo para o sistema hemolinfático causando uma depleção grave das células sanguíneas (baixa dos glóbulos vermelhos e dos glóbulos brancos). O gato apresenta, por isso, uma quebra muito importante das suas defesas, o que não só compromete o combate à doença como o torna suscetível a várias complicações com outros agentes infecciosos.

O vírus da panleucopenia tem a particularidade de ser dos vírus mais resistentes que existe, podendo resistir no meio ambiente durante largos meses.

O tratamento, mais uma vez, consiste em tratamento de suporte, sendo crucial manter a hidratação do gato e proceder a uma cobertura



Condicionantes

Vários fatores condicionam o protocolo vacinal:

- Idade do gato quando se apresenta na consulta;
- A mãe está ou não vacinada;
- O gatinho bebeu ou não colostro (o leite materno dos primeiros dias);
- Se é gato de casa (*indoor*) ou com acesso à rua (*outdoor*);
- Número de gatos em casa;
- Ambiente – casa, família de acolhimento temporário (FAT) ou gatil;
- Estado geral do gato.

antibiótica de largo espectro de modo a tentar impedir as infeções secundárias que se instalam. É frequente ser necessário proceder a transfusões de sangue e de plasma, prática muito útil nesta doença e que melhora o prognóstico do gato.

Clamidiose
Por vezes associada à vacina tripla também se administra a vacina contra a infecção por clamidofila. Este agente de nome *Chlamydomphila felis* é uma bactéria responsável por um quadro essencialmente de conjuntivite. O tratamento é realizado com antibióticos específicos, mas requer algumas semanas. Não se trata de uma vacina que faça parte de todos os protocolos vacinais, mas tem a sua utilidade em muitos casos, nomeadamente em casas com vários gatos.

A primovacinação
Por primovacinação entende-se as primeiras doses de vacina que são administradas. Normalmente, é realizada em gatinhos, mas se um gato adulto for vacinado pela primeira vez, também falamos de primovacinação. A primeira dose da vacina tripla deve ser administrada a partir das 7 semanas, mas pode nalguns casos ser administrada tão cedo como as 3 semanas. Após a primeira dose é necessário pelo menos um reforço, mas se a vacinação começou muito cedo podem ser necessários mais reforços. É extremamente importante que o último reforço seja re-

alizado após as 16 semanas para evitar que a vacina seja “anulada” pelos anticorpos que o gatinho ainda tem da mãe.

E os adultos?
Aqui surge a polémica. Não há dúvida que a vacinação é essencial mesmo em gatos adultos, no entanto, a frequência com que se administra a vacina não é igual para todos os gatos. A necessidade de vacinar um gato que vive exclusivamente numa casa na qual o risco epide-

Por vezes, as doenças são identificadas por letras e fala-se na vacina RCPCh.
R de rinotraqueite (herpes vírus), C de calicivirus, P de panleucopenia e Ch de clamidofila

miológico é baixo (e aqui deve-se, entre vários fatores, atender ao número de gatos em casa) existe, mas não é a mesma, por exemplo, de um gato que tenha acesso à rua.



E os gatos idosos?
E os gatos com “SIDA felina” ou outra doença?
A necessidade de vacinar os gatos mantém-se ao longo de toda a vida e permanece em caso de doenças concomitantes. Aliás, os gatos que padecem de outras doenças estão em maior risco de serem infetados, uma vez que o seu sistema imunitário está deprimido. No entanto, nem todas as vacinas são adequadas para gatos com o sistema imunitário deprimido, a estes gatos está recomendado um tipo particular de vacinas, que também estão disponíveis no nosso país.

E a vacina da raiva?
A vacinação antirrábica não é obrigatória nos gatos (ao contrário dos cães) e o nosso país é, felizmente, um país livre de raiva e sem ocorrência de casos autóctones desde 1952. Por estas razões, e no presente contexto, a vacina da raiva não é considerada uma vacina essencial nos gatos. É, no entanto, obrigatória no caso do gato viajar para determinados países.

A polémica dos tumores
Nos anos 90, nos EUA e um pouco por todo o Mundo, verificou-se um aumento da prevalência de tumores cutâneos em gatos que se associou à aplicação de determinados injetáveis, nomeadamente, antibióticos e algumas vacinas (em particular a vacina da raiva e da leucemia felina). Embora seja muito raro o gato desenvolver um

A vacinação de gatos adultos com uma boa primovacinação (a importância das primeiras vacinas é crucial) em caso de risco epidemiológico baixo não necessita, na maior parte das vezes, de ser anual, podendo ser de 2 em 2 ou mesmo de 3 em 3 anos. Este é realmente um novo paradigma, que tem causado alguma polémica. Só o médico veterinário, após uma história clínica detalhada, pode avaliar esse risco e decidir qual o protocolo vacinal que o seu gato deve realizar.



Mesmo para os agentes infecciosos mais resistentes o hipoclorito de sódio (vulgarmente conhecido como lixívia) na diluição de 1 para 10 (50 ml de lixívia em meio litro de água) é um excelente desinfetante

tumor no local da injeção, este é um tema delicado, pois trata-se de um tipo de tumor agressivo e de difícil resolução cirúrgica. As boas notícias são que assim que a situação foi identificada foi criada uma comissão (VAFSTF) que estabeleceu *guidelines* para prevenir o problema. Também alguns laboratórios eliminaram da composição das vacinas os componentes potencialmente carcinogénicos. A incidência destes tumores tem diminuído nos últimos anos graças ao maior cuidado que existe, quer na elaboração das vacinas, quer na escolha

dos protocolos vacinais, e de outros injetáveis. A frequência e a probabilidade de um gato (mesmo de casa) sofrer de uma doença infecciosa para a qual existe vacina é muitíssimo superior à probabilidade de vir a ter um tumor. **Na próxima edição**
No próximo número continuaremos a abordar o tema das doenças infecciosas, nomeadamente a Leucemia Felina para a qual existe vacina disponível e da SIDA felina para a qual, pelo contrário, não existe vacina no nosso país. ■

Vacinação				
Agente infeccioso	Doença	Período de incubação	Resistência no meio ambiente	Grau de contágio
Herpes vírus	Gripe felina	Muito variável	Moderada (2 dias em média)	Elevado
Calicivirus	Gripe felina	Variável (2 a 10 dias em média)	Moderada (10 dias em média)	Elevado
Virus da Panleucopenia	Panleucopenia	2 a 10 dias	Elevadíssima (muitos meses)	Muito Elevado
Chlamydomphila feliz	Clamidiose	3 a 5 dias	Moderada	Moderado a elevado